



Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas

Material pedagógico

3

1. Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo
2. Ultrapassar preconceitos inconscientes
- 3. Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas**
4. Desconstruir as teorias da conspiração
5. Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto
6. Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto
7. O antissemitismo e o discurso da memória nacional
8. Lidar com incidentes antissemitas
9. Lidar com o antissemitismo online
10. O antissemitismo e a situação no Médio Oriente

Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas

Lutar pela equidade, inclusão e oportunidade para todas as pessoas é um objetivo universal. Ao incorporar os talentos e identidades únicos de cada pessoa, a sociedade está mais apta a assegurar um futuro próspero. No entanto, com a diversidade surge frequentemente uma série de generalizações e estereótipos que podem ser prejudiciais. Um estereótipo é uma imagem demasiado simplificada de um determinado grupo de pessoas. As pessoas riem-se frequentemente dos estereótipos ou ignoram-nos. Contudo, os estereótipos encorajam os preconceitos e constituem um perigo para o ambiente da sala de aula.¹ Podem conduzir a repercussões negativas e facilitar o ódio.

Os estereótipos sobre o povo judeu e as suas comunidades têm permeado a história europeia durante milhares de anos. Os estereótipos contribuem para uma imagem negativa da comunidade judaica, tendo o potencial de fomentar atitudes e comportamentos preconceituosos em relação ao povo judeu na comunidade.

Os estereótipos contra os judeus podem entrar na sala de aula de diferentes maneiras incluindo, mas não se limitando a:

- os alunos podem repetir um estereótipo antissemita ou uma visão preconceituosa que tenham ouvido e, depois, agir de forma

preconceituosa em relação aos colegas judaicos; e

- os estereótipos antissemitas podem estar refletidos na literatura, em textos religiosos, na arte ou em fontes históricas que estejam a ser utilizadas na escola.

O objetivo deste material pedagógico é fornecer uma descrição geral do papel e da função dos estereótipos, um resumo e uma “desmistificação” dos estereótipos e mitos mais comuns contra os judeus, bem como sugestões concretas sobre a forma como os professores os podem abordar nas suas salas de aula.

¹ *Addressing Anti-Semitism through Education: Guidelines for Policymakers* (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2018), p. 41, <<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

Contexto

Estereótipos, preconceitos e discriminação são fenómenos humanos naturais. As pessoas podem optar por acreditar em estereótipos para ajudar a simplificar a complexidade do mundo à sua volta. Infelizmente, podem ser encontrados muitos estereótipos sobre grupos sociais específicos na cultura e na comunidade em geral. Os preconceitos prevalentes numa comunidade podem, inconscientemente, orientar o nosso comportamento e levar-nos a conclusões inadequadas ou prejudiciais. Isto tem um impacto negativo sobre a equidade e a justiça que procuramos numa sociedade democrática: na educação, emprego, resolução de conflitos e manutenção da paz e harmonia entre grupos sociais.

No seu pior, os estereótipos têm sido deliberadamente utilizados como uma forma de asfixiar a mudança social e manter os sistemas de poder político existentes. Isto tem sido visto ao longo dos tempos, por exemplo, nos debates sobre as relações de género à medida que as mulheres ganhavam maior independência política e económica.

Durante milhares de anos, imagens, noções e mitos antijudaicos conduziram a estereótipos, incitando ao ódio e à perseguição do povo judeu. Os estereótipos continuam a emergir em todo o mundo, tanto de forma explícita como dissimulada, apesar de serem oficialmente rejeitados pelas autoridades internacionais, regionais e nacionais. São continuamente gerados novos estereótipos, difamações e imagens, ao passo que os antigos são reciclados em novas formas. O preconceito antisemita é frequentemente expresso, talvez em momentos e por pessoas diferentes, em termos contraditórios.²

Os estereótipos antisemitas tradicionais podem ser vistos em ataques antisemitas quer motivando ou acompanhando o comportamento. Estes podem incluir afirmações de que “os judeus” são ricos e gananciosos, que conspiram para controlar o mundo ou que “os judeus” mataram Jesus Cristo. A difamação antisemita manifesta-se frequentemente através de uma visão conspiratória do mundo. Por exemplo, tanto

Preconceito refere-se a uma “inclinação ou discriminação a favor ou contra uma pessoa ou grupo, especialmente de uma forma considerada injusta.”

Discriminação é o “tratamento injusto ou prejudicial de diferentes categorias de pessoas”.

FONTE: *Concise Oxford English Dictionary*, nona edição

Estereótipo refere-se a uma “imagem demasiado simplificada de um determinado grupo de pessoas.”

Preconceito é um “sentimento sobre um grupo de pessoas ou uma pessoa de um grupo que se baseia num estereótipo.”

FONTE: *Addressing Anti-Semitism through Education: Guidelines for Policymakers* (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2018), p. 41, <<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

à esquerda como à direita política, há pessoas que afirmam falsamente que os judeus planearam o ataque terrorista nos Estados Unidos a 11 de setembro de 2001. Recentemente, surgiram novas teorias da conspiração que alegam falsamente o envolvimento dos judeus na crise europeia dos refugiados.³

De forma a responder eficazmente a estereótipos e equívocos, é necessário que consigamos identificar as suas várias formas e compreender como estas falsidades se desenvolveram ao longo do tempo. Abaixo estão alguns dos mitos mais persistentes, tropos e memes sobre

² Por exemplo, os judeus são frequentemente criticados por serem cosmopolitas sem raízes e comunitários de mente fechada, ou retratados como todo-poderosos e sub-humanos.

³ Péter Krekó et al., “‘Migrant Invasion’ as a Trojan Horseshoe”, em Péter Krekó et al. (eds.), *Trust within Europe* (Budapeste: Political Capital, 2015), pp. 63-72, <http://www.politicalcapital.hu/wp-content/uploads/PC_OSIFE_Trust_Within_Europe_web.pdf>.

Investigadores da Alemanha e dos Estados Unidos analisaram como a contemplação das experiências psicológicas das outras pessoas torna as pessoas menos propensas a exibir expressões automáticas de preconceito. Depois de considerarem a perspectiva de uma pessoa idosa, os participantes do teste tiveram uma menor probabilidade de aplicar estereótipos sobre idosos, como dependência ou enfermidade. O preconceito em relação aos negros diminuiu quando os participantes foram instruídos a imaginar o que as vítimas sentiam enquanto assistiam a incidentes de discriminação racial.

Fonte: A. R. Todd et al., "Perspective Taking Combats Automatic Expressions of Racial Bias", *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 100, junho de 2011, pp. 1027-1042.

judeus, que se destinam a ser ilustrativos e não exaustivos.⁴

Libelo de sangue

Desde os tempos antigos, os judeus têm sido falsamente acusados de matar pessoas não judaicas para fins ritualísticos e supostamente em conluio com o Diabo. Na Europa medieval, a partir do século XII, isto foi frequentemente acompanhado por acusações de que os judeus usavam o sangue das suas vítimas para cozer *matzah* para o feriado judaico do Pessach. Historicamente, estas falsas alegações têm sido frequentemente seguidas de motins antissemitas e assassinios em massa. Os ecos deste libelo de sangue ainda hoje se podem ouvir no discurso.

Comunistas

O envolvimento de alguns judeus em movimentos comunistas e social-democratas na Europa tornou-se frequentemente a base de acusações de judaico-bolchevismo ou judaico-comunismo. Este mito foi generalizado em toda a Europa

na primeira metade do século XX e a propaganda nazi promoveu-o ativamente tanto na Alemanha como nos territórios que ocupou durante a Segunda Guerra Mundial. O internacionalismo do comunismo na sua fase inicial, combinado com o facto de alguns combatentes da resistência judaica se terem juntado a unidades partidárias soviéticas ou a partidos comunistas nacionais, complementou frequentemente as alegações de que os judeus, coletivamente ou a título individual, não eram leais às suas pátrias. Nos tempos modernos, o tropo dos judeus comunistas ressurgiu nos debates sobre a identidade nacional ou sobre a história da Segunda Guerra Mundial como afirmações de que os crimes locais contra os judeus antes, durante e depois do Holocausto eram o resultado do fervor anticomunista.

Mito do deicídio

Desde os primeiros anos da igreja cristã, algumas pessoas cristãs condenaram os judeus pela morte de Jesus Cristo e responsabilizaram os judeus como um todo por esta ação.⁵

O mito deicida reforçou a associação de todos os judeus com traços que se imagina terem acompanhado a morte de um messias como, por exemplo, poderes sobrenaturais, intransigência e traição conspiratória.

Dupla ou ausência de lealdade nacional

Os judeus estão frequentemente sujeitos a alegações de que conspiraram para moldar a política pública em nome dos interesses judaicos, ou que o seu patriotismo é menor do que o de outros cidadãos. Isto manifesta-se ocasionalmente na forma de alegações de que os judeus, coletivamente ou a nível individual, não são leais aos seus países de origem. Para serem aceites como compatriotas nacionais, pede-se por vezes aos judeus que neguem a sua ligação com Israel, apesar de Israel constituir frequentemente uma parte central da identidade judaica. Este mito também pode aparecer em afirmações de que os judeus não participam proporcionalmente no serviço militar ou noutras esferas públicas da vida em estados democráticos.

⁴ Os parágrafos anteriores e os exemplos de mitos e estereótipos são retirados de *Addressing antisemitism through Education*, op. cit., pp. 80-83.

⁵ A "Declaração sobre a relação da igreja com as religiões não-cristãs do Concílio Vaticano II ("Nostra aetate")" repudiou este mito em 1965.

Comunicação social

Alegações do controlo judeu dos meios de comunicação social persistem desde pelo menos o início do século XIX e foram repetidas nos Protocolos dos Anciãos de Sião.⁶ Nos séculos XX e XXI, as pessoas de ascendência judaica presumida ou real, que podem ter influência pessoal como resultado do cargo que ocupam num determinado meio de comunicação social, têm sido associadas a reivindicações de “controlo judeu” geral sobre toda a indústria dos meios de comunicação social. Alguns grupos referem-se a isso como “controlo sionista” dos meios de comunicação social. A ideia afirma que estas pessoas atuam em conjunto ao longo do tempo de uma forma conspiratória

para tomar decisões, mas ignora o facto de muitas outras pessoas, que podem ser semelhantes de alguma forma, serem também funcionárias na indústria da comunicação social, e que a sua variedade, vastidão e constante desenvolvimento tornam impossível o seu controlo dessa forma.

Dinheiro e criminalidade

As alegações de fascínio dos judeus pelas finanças, e de controlo das mesmas, são tão antigas como o Novo Testamento, no qual os judeus são ocasionalmente retratados como cambistas envolvidos em práticas profanas no Templo em Jerusalém. Isto continuou no período medieval, quando os cristãos estavam proibidos de

emprestar dinheiro a juros, deixando este setor aberto a outras pessoas. Uma vez que os judeus eram severamente impedidos de executar a maioria dos ofícios e possuir terras agrícolas, alguns começaram a emprestar dinheiro. Desde então, os judeus têm sido retratados como ricos, poderosos e ameaçadores. Em alguns países, as mulheres judias têm sido estereotipadas como pessoas que se vestem de forma ostensiva para demonstrar riqueza. Hoje em dia, encontram-se em referências ao “dinheiro dos Rothschild” ou à identificação de uma conspiração judaica com a banca internacional e a criminalidade.

⁶ Os Protocolos dos Anciãos de Sião constituem um texto antisemita forjado que pretende descrever um plano judaico de domínio global. Foi publicado pela primeira vez na Rússia, em 1903, e exposto como plágio grosseiro em 1921. Tem sido traduzido para várias línguas e divulgado internacionalmente desde o início do século XX.

Estratégias para identificar e desmistificar os estereótipos antissemitas na sala de aula

Os professores devem realizar debates sobre padrões gerais de estereótipos como ponto de partida para a sensibilização relativamente a estereótipos específicos, incluindo o antissemitismo. Isto pode envolver o uso de exemplos de tipos de estereótipos e padrões relacionados para orientar os alunos

a compreenderem o impacto negativo dos estereótipos e a abordagem (muitas vezes atrativa) simplificada a questões complexas que os estereótipos encorajam e permitem.

Uma vez que os alunos tenham refletido sobre a forma como estes conceitos se relacionam com

a identidade de grupo, os professores podem utilizar uma abordagem baseada nos direitos humanos para combater a intolerância e a discriminação contra os judeus por serem judeus, traçando paralelismos com as experiências de outros grupos.

Três perguntas para desmistificar uma narrativa

Quem está por trás da informação?
Pergunte aos alunos quem pensam que está por trás da informação. A fonte está identificada? É anónima? É uma fonte primária?

Quais são as provas para a afirmação ou declaração?
Pergunte aos alunos se existem pro-

vas na informação. Se houver provas, são credíveis? Existe alguma forma de verificar as possíveis provas?

O que dizem outras fontes?
Pergunte aos alunos se já ouviram esta informação antes. Existem outras fontes de informação iguais ou semelhantes? Há diferentes provas

potenciais disponíveis a partir destas outras fontes?

FORTE: Adaptado de Stanford History Education Group, *Civic Online Reasoning*, <<https://sheg.stanford.edu/civic-online-reasoning>>.

Exemplos de exercícios que os educadores podem utilizar para desconstruir e prevenir os estereótipos antissemitas⁷

Tipo de exercício

Exemplo

Usar narrativas pessoais

Partilhar narrativas pessoais que destaquem:

- a diversidade dentro do mundo judaico para demonstrar que os judeus, tal como as pessoas de outras tradições, têm uma ampla variedade de crenças e práticas religiosas, ou podem até não ter crenças e práticas religiosas;
- as semelhanças entre judeus e outras pessoas, tais como características culturais, socioeconómicas, geográficas, linguísticas e outras; e
- os judeus e outras pessoas de diversas comunidades religiosas ou culturais que tenham tido impactos positivos em contextos locais, nacionais e/ou internacionais.

Integrar em aulas de história

- ensinar a história dos judeus na escola como parte da história local, nacional ou internacional;⁸
- individualizar a história e contar histórias pessoais de judeus (pessoas comuns e figuras conhecidas que tenham contribuído para a ciência, as artes, a filosofia, etc.);
- considerar como vários estereótipos aceites nas sociedades têm impacto nos direitos desfrutados por homens, mulheres e membros de certas comunidades ou grupos, incluindo judeus, em diferentes épocas da história, bem como nos dias de hoje; e/ou
- incluir aulas sobre antissemitismo desde o período antes do Holocausto até ao presente (não substitui as aulas essenciais sobre o Holocausto).

Foco nas diversas identidades dos alunos

- os alunos podem criar os seus próprios autorretratos (na escrita, pintura, poemas, etc.) para refletirem sobre as suas próprias identidades diversas;
- peça aos alunos que apresentem os seus autorretratos e peça-lhes que identifiquem a diversidade na sua turma (por exemplo, raça, cor, língua, nacionalidade, origem nacional ou étnica, religião, cultura, sexo, orientação sexual, passatempos, interesses, ideais e idiosincrasias);
- orientar os alunos para identificarem certos aspetos dos seus autorretratos que possam revelar ou gerar um estereótipo. Para tal, peça aos alunos que se concentrem em quem são e em que fatores influenciam a formação da sua identidade (incluindo as suas escolhas internas e pressões externas); e/ou
- explorar a relação entre a autoperceção de traços específicos por parte de um aluno e a perceção que os outros têm dos mesmos para demonstrar como as narrativas sociais são construídas.

⁷ Estes exemplos foram retirados de *Addressing Antisemitism Through Education: Guidelines for Policymakers* (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2018), p. 41, <<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

⁸ Para uma bibliografia completa de fontes de informação de base sobre o Médio Oriente, ver a coleção da Biblioteca Yale do Próximo Oriente, <<https://www.library.yale.edu/neareast/politics1.html>>.

O que fazer se...?

... alguém exprimir um estereótipo como, por exemplo: “Todos os judeus adoram dinheiro — é por isso que são ricos e gerem os bancos”?

De uma forma não ameaçadora, tente encontrar as bases desta generalização. Este estereótipo deve-se apenas a uma experiência limitada com judeus? Estas ideias vêm da família, amigos, filmes, televisão ou livros? Ajude-os/as a pensar sobre as origens desta desinformação. Este é um bom momento para falar sobre como é fácil tirar conclusões erradas a partir de alguns exemplos. Também pode ser útil reconhecer

que a experiência pessoal é limitada e notar que os investigadores normalmente olham para milhares ou centenas de milhares de exemplos antes de tirarem conclusões.

Muitos estereótipos contra os judeus têm bases históricas complexas — como as acima mencionadas — e vale a pena explorar as suas origens. Se não possuir o conhecimento para abordar o estereótipo quando este é levantado na sala de aula, responda explicando que suspeita que se trata de um estereótipo e que voltará ao assunto mais tarde com mais informações.

Há tensão na sala depois de o estereótipo ter sido dito em voz alta? Se

houver, pode ser útil recordar aos alunos que todas as pessoas podem fazer generalizações baseadas em noções pré-concebidas, mesmo que não o devêssemos fazer. Isto permite que toda a sala de aula descontraija e esteja aberta a explorar de forma mais construtiva a afirmação problemática no trabalho de acompanhamento.

... alguém dá um exemplo que parece confirmar um estereótipo como verdadeiro, por exemplo: “Os judeus têm narizes grandes, basta olhar para [...], é um judeu e tem um nariz grande”?

Esta afirmação específica refere-se a um antigo estereótipo racial de

Atividade

Escreva no quadro algumas generalizações, deixando o sujeito em branco. Por exemplo: “Todos ___ gostam de esparquite” ou “Todos ___ bebem chá.” Peça à turma para contribuir com ideias e para preencher o espaço em branco com diferentes grupos. O que é que notam? O que acontece quando se coloca o seu próprio grupo interno (por exemplo, “alunos”) no espaço em branco: Parece verda-

deiro? E se estas afirmações fossem generalizações negativas? A sensação seria diferente? Ensine ou recorde à turma o que é um estereótipo. Relacione esta atividade ao estereótipo contra os judeus expresso anteriormente na aula e lidere um debate com a turma sobre os perigos dos estereótipos.

Ajude os alunos a ganhar consciência das emoções que estão a experimentar durante a discussão de

vários estereótipos. A raiva pode corresponder a sentimentos de ataque, ao passo que o medo se pode refletir em querer recuar ou fugir. Os estereótipos relacionam-se frequentemente com a forma como o poder ou a segurança são experienciados. Por vezes a abordagem destas ideias de um ponto de vista emocional pode ajudar a clarificar os conceitos subjacentes que estão a ser expressos na escolha de imagens estereotipadas de um aluno.

A contraestereotipagem é uma técnica em que são fornecidas imagens alternativas, expandindo as nossas noções sobre as características de grupos particulares de pessoas. Relativamente às características físicas dos judeus, peça aos alunos para prepararem uma lista com fotos de dez judeus conhecidos, do passado ou do presente, representando uma grande variedade de setores sociais (por exemplo, ciência, desporto, política, artes, negócios e filantropia) e países de todo o mundo.

Sabia que as pessoas de cor representam cerca de um quinto dos judeus do mundo atualmente? Para um vídeo de rap sobre a diversidade judaica, ver “This is Unity” de Y-Love: <https://www.youtube.com/watch?v=uvRy8bGSpDU&list=PLvIhxOY_PTr2QjL2dwP8_hgPIg_R2mXQm>.

que os judeus têm narizes grandes e tortuosos. Explique que alguns judeus, tal como algumas pessoas que não o são, podem ter narizes grandes, mas que se trata de uma generalização. Os judeus vivem em todo o mundo e casaram com populações locais durante séculos, resultando na inexistência de um “aspecto” judaico em particular (os judeus não são uma raça). Há judeus com cabelo ruivo e pele pálida, judeus com pele escura e cabelo escuro e judeus com todas as restantes

combinações possíveis. O estereótipo do “nariz judaico” é uma poderosa imagem visual que liga a arte cristã medieval à propaganda nazi e aos desenhos animados antissemitas dos nossos dias,⁹ cujo objetivo é retratar os judeus como ameaçadores, desprezíveis, maus ou socialmente distantes.

Faça perguntas aos alunos que desafiem as suas suposições e encoraje o desenvolvimento das suas capacidades de pensamento crítico.

As perguntas podem incluir: De onde vem esta ideia? Baseia-se na sua própria experiência ou está a repetir algo que já ouviu? Conhece a fonte da informação que optou por repetir? Pode partilhar alguma prova da sua afirmação? Está aberto/a a investigar a sua opinião? Está aberto a mudar a sua opinião após a sua investigação?

... uma fonte ou material didático inclui um estereótipo antissemita?

É importante compreender que muitas figuras influentes da história, incluindo líderes religiosos, políticos, filósofos, escritores e artistas, tiveram opiniões antissemitas. Como resultado, os alunos podem deparar-se com tais opiniões enquanto estudam fontes históricas, literatura e outros materiais. Por exemplo, o famoso filósofo Iluminista Voltaire é conhecido pelos seus escritos antissemitas, tal como o poeta britânico T. S. Eliot e o pensador-chave da Reforma Protestante, Martinho Lutero.¹⁰ Figuras

⁹ Sara Lipton, “The Invention of the Jewish Nose”, *The New York Review of Books*, 14 de novembro de 2014, <<https://www.nybooks.com/daily/2014/11/14/invention-jewish-nose/>>.

¹⁰ O antissemitismo nas obras destas figuras influentes do pensamento ocidental está bem documentado. Por exemplo, ver: Arthur Hertzberg, *The French Enlightenment and the Jews* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1968); Anthony Julius, *T.S. Eliot, Anti-Semitism and Literary Form* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995); “Martin Luther”, Museu do Holocausto da Florida, <https://web.archive.org/web/20080522013514/http://www.fholocaustmuseum.org/history_wing/antisemitism/reformation.cfm>.

políticas, incluindo Franklin D. Roosevelt,¹¹ também foram por vezes associadas a ideias antissemitas.

Há muitas oportunidades para abordar histórias escondidas ou controversas em currículos já existentes. Vale também a pena identificar escritores, políticos, heróis populares e histórias locais ou nacionais que retratam os judeus e as comunidades de uma forma positiva, e apresentar o seu trabalho à turma.

Para um exemplo de como ensinar sobre uma obra de literatura que emprega estereótipos, ver a orientação da Liga Antidifamação sobre “O Comerciante de Veneza” de Shakespeare: <<https://www.adl.org/news/article/anti-semitism-and-the-merchant-of-venice>>.

Identificar e desconstruir estereótipos de judeus em fontes ou materiais didáticos proporciona uma importante oportunidade de aprendizagem do contexto histórico e de como encarar textos e materiais controversos. Estes textos podem

também conter estereótipos sobre mulheres, pessoas com deficiência, pessoas de cor e outras. É uma oportunidade para os alunos praticarem o seu pensamento crítico, identificarem os seus próprios valores e tornarem-se mais confiantes na

Estereótipos nas fontes: Lista de verificação de análise

- Quando é que a fonte foi escrita e por quem? Qual era o contexto social e a perspetiva do autor na altura?
- Que assunto aborda a fonte? É uma peça de literatura sobre um determinado lugar e tempo? Trata-se de um período histórico importante com elementos desconfortáveis do passado da sociedade?
- Havia alguma agenda política ou social por trás do que a fonte escreveu? Poderia isso ter influenciado a forma como foi escrito o texto?
- Que estereótipos são retratados? Qual é a origem destes estereótipos? Por que razão podem ter sido utilizados estereótipos nesta fonte? Poderia o autor tê-lo feito de forma diferente?
- Porque é que esta fonte vale a pena utilizar ainda hoje? O que podemos aprender com ela?

¹¹ “Eleanor Roosevelt and the Jews” por Warren Boroson, *Jewish Standard*, Nova Jérsea, Estados Unidos da América, 26 de julho de 2013, <<https://jewishstandard.timesofisrael.com/eleanor-roosevelt-and-the-jews/>>.

Atividade

Experimente a “autoassociação”:

- durante uma aula ou comemoração histórica, ao conceber a noção de “nós” (“na nossa cidade/país”, etc.), inclua judeus e outras comunidades minoritárias como uma parte normal do grupo;
- numa reunião, tente incluir judeus e membros de outros grupos minoritários na ocasião e nas imagens utilizadas para promover o evento; e
- quando pensar em si próprio enquanto pai/mãe, professor, mulher ou homem, religioso ou não religioso, veja-se a si próprio como estando a partilhar esse atributo com pessoas pertencentes a outras comunidades.

Dado que as pessoas normalmente pensam em si próprias de forma positiva, e associam prontamente os membros do grupo interno a si próprias, os membros do grupo interno ficam automaticamente imbuídos de positividade. Investigações demonstraram que uma estratégia denominada “autoassociação” pode reduzir a probabilidade de ativação de tais preconceitos automáticos. A autoassociação pede-nos para redefinir “nós”, de modo a que as pessoas tipicamente fora do grupo se tornem parte do nosso grupo interno. Foi demonstrado que, quando um grupo inter-racial de pessoas trabalha em cooperação sob uma identidade partilhada, essas pessoas estão menos inclinadas a aplicar estereótipos ao grupo racial de outras pessoas.

FONTES: Anna Woodcock e Margo J. Monteith, “Forging links with the self to combat implicit bias”, *Group Processes and Intergroup Relations*, Vol. 16, 4.^a edição, 8 de novembro de 2012, p. 445-461; Gaertner, S.L e Dovidio, J.F. (2000). Aversive Racism and Selection Decisions. *Psychological Science* 2(4), p. 315-319.

rejeição de certas ideias, enquanto consideram outras.

Os professores podem encorajar os alunos a aceitarem a sua responsabilidade partilhada na identificação e desconstrução de estereótipos. Através do processo de identificação, pesquisa e difusão de

um estereótipo prejudicial a partir do seu espaço de aprendizagem, os alunos podem também identificar os seus próprios preconceitos pessoais, que podem não ter percebido que eles/elas e a sua sociedade tinham e que podem ter tido um impacto negativo sobre os judeus ou outras pessoas à sua volta, tais

como os colegas da sua turma. A responsabilidade partilhada entre os alunos cria uma atmosfera de apoio nas salas de aula e incentiva o trabalho de equipa, nomeadamente entre alunos que possam ter tido anteriormente preconceitos uns em relação aos outros.

Recursos e materiais para leitura complementar

Principais publicações:

Addressing Anti-Semitism through Education: Guidelines for policymakers (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2018), <<https://www.osce.org/odihr/383089?download=true>>:

- para informação e atividades para encorajar a autor-reflexão entre educadores e alunos, ver página 32;
- para exemplos de exercícios para desconstruir e prevenir os estereótipos antissemitas, ver páginas 41 e 42;
- para informações sobre a educação das crianças relativamente a imagens estereotipadas, ver página 43; e
- para informação para ajudar a reconhecer estereótipos antissemitas, ver Anexo 2 (“Examples of Anti-Semitic Tropes or Memes”) e Anexo 3 (“Examples of Anti-Semitic Symbols”).

A Teacher’s Guide on the Prevention of Violent Extremism (Um Guia do/da Professor/a sobre a Prevenção do Extremismo Violento) (Paris: UNESCO, 2016), <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244676>>.

Para mais informações sobre mitos e factos antissemitas, ver:

Liga Antidifamação, “CAS Myths and Facts”, <<https://www.adl.org/sites/default/files/documents/assets/pdf/education-outreach/CAS-Myths-and-Facts.pdf>>;

Liga Antidifamação, *Using Facts to Respond to Anti-Semitism*, 2006,

<<https://www.adl.org/media/5137/download>>; e

Rede Europeia contra o Racismo, “Debunking Myths about Jews”, outubro de 2015,

<https://www.enar-eu.org/wp-content/uploads/debunkingmyths_lr.pdf>.

Para mais informações sobre o preconceito implícito, ver:

Implicit Bias Project (Projeto de preconceito implícito) (incluindo testes para medir o preconceito implícito das pessoas em relação a diferentes grupos), ver:

<<https://implicit.harvard.edu/implicit/>>; e

<<https://www.projectimplicit.net/>>.

Para ideias de ensino sobre estereótipos, ver:

Teaching Tolerance, “Teaching About Stereotypes” (Ensinar Sobre Estereótipos),
<<https://www.tolerance.org/magazine/teaching-about-stereotypes-20>>; e

“Learning Plans” (Planos de Aprendizagem),
<<https://www.tolerance.org/classroom-resources/learning-plans?keyword=stereotypes>>;

Liga Antidifamação, “Lemons — An Activity on Generalization and Stereotypes for Elementary School Children” (Limões — Uma Atividade sobre Generalização e Estereótipos para Crianças do Ensino Básico),
<www.adl.org/assets/pdf/education-outreach/Lemons-from-Empowering-Children.pdf>;

Discovery Education, “Understanding Stereotypes” (Entender os Estereótipos),
<<http://www.discoveryeducation.com/teachers/free-lesson-plans/understanding-stereotypes.cfm>>; e

Education World, “Bursting Stereotypes” (Eliminando Estereótipos),
<http://www.educationworld.com/a_lesson/03/lp294-01.shtml>.

